

O CÍRCULO DE CULTURA E A EDUCAÇÃO
AMBIENTAL NA ESCOLA

Vitorino, José Aparecido

Círculo de Cultura e o Currículo de Educação Ambiental na Escola
16fh

Livreto: Produto da Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/UFMS/2019.

Orientadora: Prof.^(a) Dra. Suzete Rosana de Castro Wiziack

1. Círculo de Cultura. 2. Educação Ambiental. 3. Currículo. 4. Tempo Integral.

APRESENTAÇÃO

Este livreto destina-se a você, colega professor(a) do Ensino Médio que deseja participar de uma escola democrática e preocupada com as questões ambientais. O texto é parte do produto final de uma pesquisa de dissertação de mestrado profissional que foi realizada no curso de Mestrado em Ensino de Ciências, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS).

No mestrado investiguei a participação dos professores de Biologia do Ensino Médio de uma escola de Tempo Integral, na produção de um currículo preocupado com a Educação Ambiental. Na pesquisa, procurei compreender, com o apoio dos professores da escola, o lugar da Educação Ambiental (EA) no Currículo de Biologia do Ensino Médio, Pós-Reforma de 2016. Ou seja, *Como e de que forma, os professores de Biologia e/ou Ciências da natureza compreendem a Educação Ambiental e como participam do currículo escolar do Ensino Médio em escolas estaduais no município de Campo Grande - Mato Grosso do Sul.*

Meu interesse se deve ao fato de ser um professor da disciplina biologia a rede pública de ensino, preocupado com a efetivação de um currículo voltado para as questões ambientais. Dessa forma, no percurso da pesquisa realizei um levantamento da legislação reguladora do tema e coletei dados junto aos professores de Ensino Médio da Rede Estadual de Ensino de Campo Grande/MS, em duas unidades escolares de Tempo Integral.

Os resultados da investigação contribuíram para verificar a necessidade escrever este livreto que é composto por 07 (sete) partes intituladas: O que é o Círculo de Cultura; História; Ideias e Fundamentos; proposta para seu desenvolvimento; Roteiro para Desenvolvimento; e finalmente, o Círculo de Cultura e a Educação Ambiental. Cada uma será descrita e detalhada separadamente na sequência do texto.

Desejo que o livreto possa ajudá-lo a proporcionar um ensino melhor aos seus alunos e facilitar seu trabalho como professor, pois com o aporte de Paulo Freire procuramos romper com o modelo tradicional de currículo, no qual os conteúdos são frequentemente selecionados diretamente do livro texto escolhido. Ao contrário disso, com o círculo de cultura é possível selecionar conteúdos, ações e fatos que deem significado à educação oferecida aos estudantes.

Espero ainda que o livreto possa servir, não somente de inspiração aos professores do Ensino Médio de Tempo Integral, mas também para despertar a consciência ambiental de outros professores da educação básica, de forma a potencializar saberes e conceitos científicos necessários à formação ambiental cidadã na escola.

SUMÁRIO

1	O QUE É O CÍRCULO DE CULTURA?.....	p.5
2	HISTÓRIA DO CÍRCULO DE CULTURA.....	p. 6
3	IDEIAS E FUNDAMENTOS DO CÍRCULO DE CULTURA.....	p. 7
4	COMO DESENVOLVER CÍRCULO DE	
5	CULTURA.....	p. 10
6	ROTEIRO PARA DESENVOLVER UM CÍRCULO DE CULTURA	p. 11
7	O CÍRCULO DE CULTURA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	p. 12
	REFERÊNCIAS CITADAS E CONSULTADAS	p.15
	

O QUE É O CÍRCULO DE CULTURA?

O Círculo de Cultura pode ser definido como uma dinâmica pedagógico-metodológica, pela qual se orienta a convivência entre indivíduos com diversas subjetividades, na qual se comunga diferentes conhecimentos e saberes por meio de diálogos construtivos. Caracteriza-se, portanto, como um processo coletivo e solidário que objetiva a construção de saberes, conhecimentos e o protagonismo popular.

O Círculo de Cultura visa a democracia e a libertação dos sujeitos e alinha-se à problematização. O Círculo de Cultura é um espaço de diálogo, pelo qual se ensina e se aprende. Freire não pretendia com o mesmo a abertura para a transferência de conhecimento, mas a transformação dos indivíduos, a partir de propostas de leituras, debates e de reflexão sobre o mundo. Freire assim afirmou:

[...] Assim em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face da nossa própria formação (mesmo quando lhe dá atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o Círculo de Cultura. Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o Coordenador de Debates. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante do grupo. Em lugar de “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida”, “codificada” em unidades de aprendizado (FREIRE, 2003, p. 11).

No Círculo de Cultura, a dialogicidade é a essência para o seu desenvolvimento. Com o círculo se pretende a emancipação, com os passos de uma investigação de uma dada temática. Com ele se almeja a prática da liberdade e para alcançá-la faz-se necessário que os envolvidos nesse processo de transformação, visem à comunhão na proposta e nas temáticas definidas (MARINHO, 2009).

A proposta apresenta um caráter libertador voltado para uma aprendizagem integral de formação humana, que confronta a fragmentação da realidade. Além disso, visa despertar no sujeito a tomada de decisão frente aos diferentes obstáculos presentes na vida social. Portanto, busca a transformação do indivíduo e o seu despertar para protagonismo social, um passo inicial para a luta pelos interesses coletivos e democráticos (FREIRE, 1991).

Para o seu funcionamento, os participantes devem se organizar em círculo, numa disposição não hierarquizada, que favoreça o diálogo; este num sentido verdadeiramente freireano mantém viva a relação entre os envolvidos para favorecer a ação, a reflexão e a prática dialógica, diante da vida e da sua concretude.

A humanização do sujeito participante do círculo de cultura é objetivo central e a dialogicidade destaca-se como pano de fundo, sustentada num olhar antropológico, numa visão humanista e libertadora do desenvolvimento sociocultural da humanidade.

A proposta freireana reafirma a visão emancipatória dos sujeitos em torno dos discursos intersubjetivos, nas suas diversas linguagens ou meios comunicativos. Esses aspectos comunicativos se apresentam como desafios na prática dos envolvidos, que nos remete ao um projeto do inacabado, e que nos leva a reconstrução constante de uma nova visão de mundo, em que a emancipação é inerente à comunicação (MARINHO, 2009).

Portanto, nesse processo busca-se construir aprendizados, desenvolver criticidades e protagonismos em torno de lutas por direitos como o direito ao ambiente ecologicamente equilibrado, voltado à manutenção e a qualidade da vida. Aqui, propomos o Círculo de Cultura a ser desenvolvido na escola pelos professores que desejamos propor a Educação Ambiental no currículo escolar.

HISTÓRIA DO CÍRCULO DE CULTURA

Com raiz histórica nas ações desenvolvidas pelo patrono da educação brasileira, o professor Paulo Freire, o Círculo de Cultura teve seu início no Recife, no estado de Pernambuco e, em Angicos, no Rio Grande do Norte, por volta de 1960 a 1964, em um momento de alto índice de analfabetismo no país e com altos índices de subnutrição e de envelhecimento precoce nesses estados e em grande parte do território brasileiro.

Foi diante desse contexto, que Paulo Freire adotou uma proposta de alfabetização, visando a transformação social da população. Freire percebeu por exemplo, que a população de Angicos poderia exercer a expressividade, a consciência e o envolvimento político não só no aprendizado da escrita e da leitura. A partir daí criou o Círculo de Cultura, cujo processo visava despertar a consciência dos seus participantes com foco na realidade sociocultural dos envolvidos.

Com isso se criou a expectativa de realizar Círculos de Cultura, com o objetivo de levantar a temática do homem brasileiro. Freire pretendia tirar a população da consciência ingênua, para alcançar uma consciência crítica.

Fig. 1 – Círculo de Cultura de realizado em Angicos – RN, 1963.



Fonte: Arquivo do IPF, extraído da Dissertação - Círculo de Cultura/Origem Históricas e Perspectivas Epistemológicas, do Capítulo 11, de MARINHO, A. 2009, p. 33.

O termo Círculo referia-se ao fato de que o grupo deveria se reunir, a partir da imagem geométrica de um círculo, em que todos se enxergavam para estabelecer um diálogo numa relação horizontal. O termo cultura referia-se ao fato de que nele buscava-se relações de interação a partir do olhar da realidade local, com intuito de recriá-la, dinamizando a visão de mundo dos participantes.

Em busca de uma educação com responsabilidade político-social, o movimento pode despertar a participação da população e encorajar uma luta por melhores condições sociais da população. Assim, surgiu um método ativo, com princípios voltados a um diálogo crítico, que influenciou a educação brasileira, inclusive com técnicas da redução e de codificação de palavras.

IDEIAS E FUNDAMENTOS PRESENTES NO CÍRCULO DE CULTURA

O Círculo de Cultura é uma proposta alinhada à problematização da realidade, por meio de uma dinâmica pedagógica em que se convive com as diversas subjetividades dos envolvidos e com os diferentes conhecimentos dos mesmos, por meio de diálogos construtivos. O aprendizado do Círculo de Cultura tem como passos iniciais a investigação de uma dada temática. Nessa prática, faz-se necessário que os envolvidos busquem a comunhão, o convívio e a participação coletiva (MARINHO, 2009).

Com isso, se faz igualmente importante confrontar o conhecimento para que os sujeitos analisem criticamente a realidade e possam tomar decisões frente aos diferentes obstáculos sociais que vivenciam. A transformação dos indivíduos é o passo inicial para lutar por interesses coletivos e democráticos (FREIRE, 1991).

Nos círculos de cultura, o diálogo precisa ser verdadeiro para manter viva a relação entre a ação e a reflexão, a prática dialógica e a dialética, diante da vida, em sua concretude. A dialogicidade destaca-se como conceito (pano de fundo) de um olhar antropológico, voltado a uma visão humanista e libertadora do desenvolvimento sociocultural dos homens.

Para buscar reflexões em torno de um discurso intersubjetivo dos envolvidos no Círculo de Cultura, se fazem necessárias diversas linguagens e/ou formas comunicativas, voltadas a uma análise crítica da estrutura social, com o objetivo de analisar as relações humanas, nas quais se constitui o próprio homem, ser cultural capaz de buscar a caça, de fazer guerra e de produzir a linguagem. Tais ações ou atividades humanas são produtos da cultura e se constituem fundamentos do Círculo de Cultura.

Na perspectiva freireana, os Círculos de Cultura servem para produzir ou reconstruir novas leituras de mundo. Podem ser considerados lugares para o uso da palavra, onde se escreve e lê o mundo, espaços de produção científica e cultural (SPIGLON, 2006).

Paulo Freire destaca a fé nos homens e sustenta o Círculo de Cultura como lugar de diálogo, de encontro frente a frente entre os participantes. Indica que: a fé, neste caso, não é ingênua, pois o homem dialógico há de ser crítico, para saber criar e transformar e buscar sua libertação (FREIRE, 1994).

A libertação se dá a partir de um posicionamento de relevo, pois é uma matriz atribuída à prática educativa, que só se pode alcançar, a partir de uma participação crítica (FREIRE, 1997). O Círculo de Cultura se dá na liberdade e na crítica sobre o modo de ser do homem.

O coordenador do círculo de cultura, ao desenvolver as atividades, prima pelo envolvimento dos participantes nos debates, por meio da linguagem e da prática social livre e crítica. Em decorrência disso, se constitui um grupo de trabalho e de debate. A Liberdade e a crítica não se limitam às relações internas do grupo, pois se apresentam também na tomada de consciência que se realiza nas situações sociais (FREIRE, 1997).

A educação com princípios baseados em Freire segue uma prática educativa, que se abre para a construção de uma ação pedagógica própria, pela qual se vivencia a experiência

do despertar da humanização, do estímulo ao desenvolvimento social, do gosto e da alegria de ser educador. O educador nessa prática educativa incentiva uma maior clareza política, por meio da afetividade, alegria, capacidade científica e domínio técnico a serviço da mudança.

Nesse processo, segundo Freire, ensinar não é transmitir o conhecimento, mas criar possibilidades para a própria construção. Assim, nessa perspectiva, o professor deve estar aberto, para os questionamentos, à curiosidade, às inibições, de modo crítico e inquiridor, inquieto diante da missão do ensino.

Nessa concepção, o inacabamento do ser humano se refere à inconclusão que é própria da experiência vital. Compreender isto remete ao processo de humanização consciente entre os homens e mulheres. Ensinar exige a consciência do inacabado, de que o ser humano é um ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabado. “O suporte veio fazendo-se mundo e a vida, existência, na proporção que o corpo humano vira corpo consciente, captador, aprendedor, transformador, criador da beleza e não “espaço” a ser enchido por conteúdos” (FREIRE, 1997).

Nessa tessitura, a linguagem, a cultura, a comunicação em seus níveis mais profundos e complexos ocorre no domínio da vida, o que pode abrir espaços para as alternativas de embelezar ou mesmo enfeiar o mundo, e, assim, inserir homens e mulheres como seres éticos, com habilidades, para intervir no mundo, para comparar, ajuizar, decidir, romper, escolher e agir em prol de grandes ações, dignificantes do seu testemunho.

Com esse sentido, os desafios que envolvem a comunicação, respaldam-se no diálogo democrático e participativo, visando à responsabilidade social e política, alinhada a própria existência para que se possa definir desafios. (FREIRE, 1997, p.19).

Para Freire, não há possibilidades de exercer a democracia e ao mesmo tempo considerar absurda e imoral, a participação popular. Portanto, o saber da democracia é uma conquista necessária (FREIRE, 1997, p.19). A participação popular, nas decisões democráticas é um alicerce para as políticas sociais e lida com as consequências advindas da separação histórica presente no Brasil, entre a elite e o povo. Freire (1997) afirmou que:

A própria essência da democracia envolve uma nota fundamental, que lhe é intrínseca – a mudança. Os regimes democráticos se nutrem na verdade de termos em mudança constante. São flexíveis, inquieto, devido a isso mesmo, deve corresponder ao homem desses regimes, maior flexibilidade de consciência (FREIRE, 1997, p. 97).

A prática do diálogo democrático no ambiente educacional permite uma discussão corajosa de suas problemáticas internas. Ela adverte os perigos do tempo, nos mostra o despertar da consciência, a força e a coragem, o engajamento nas lutas (FREIRE, 1997).

Com essa prática, os educadores podem compreender formas de contextualizar os conteúdos do currículo escolar, podem identificar outros conteúdos que são necessários a vida dos estudantes.

Um diálogo constante com o outro, pode permitir ainda um olhar mais humano nas nossas expressões, para que seja possível a identificação de novos métodos e processos científicos (FREIRE, 1997). Para tanto, o diálogo entre os sujeitos,

Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança, Por isso o diálogo se comunica. E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação (FREIRE, 1997, p. 114).

Com tais fundamentos e ideias é que se considera o Círculo de Cultura capaz de protagonizar mudanças inclusive nos ambientes de educação formal, que muitas vezes se encontram distantes dos processos culturais e sociais. Compreendemos que o Círculo de Cultura permite a construção de um currículo mais próximo da realidade dos alunos.

Por meio de uma postura crítica frente à realidade, professores e alunos podem propor a Educação Ambiental como necessária a formação humana e a melhoria da vida de todos, identificando no currículo escolar, ações e conteúdos importantes para a formação dos estudantes.

COMO DESENVOLVER UM CÍRCULO DE CULTURA?

O círculo de cultura deve ser dinâmico de interação, propiciar o acolhimento de todos e ter foco no diálogo. Nele, os participantes devem ter a oportunidade de ensinar e aprender. E para o seu desenvolvimento é necessário definir um coordenador da proposta.

Tendo em vista a figura geométrica em forma de círculo, o Círculo de Cultura deve propiciar: a) um método ativo; dialogal; crítico e criticizador; b) a modificação do conteúdo programático do currículo sobre e a Educação Ambiental; c) o uso de técnicas de redução e codificação (MARINHO, 2009).

Essa proposta de Marinho baseia-se na percepção e sensibilização, na consciência socioambiental e no protagonismo juvenil, sendo desenvolvido por meio da interação e do diálogo promovido pelo coordenador e participantes do círculo de cultura.

No primeiro momento (a) do Círculo de Cultura se utiliza o método ativo; dialogal; crítico e criticizador que se baseia em problematizar o Currículo e a EA, para que as opiniões dos participantes sejam esplanadas e para que se possa conhecer o universo vocabular desses sujeitos e os seus saberes, de tal modo a compreender a leitura de mundo dos envolvidos, aspectos esses, considerados durante o curso do diálogo, com a mediação do coordenador Círculo de Cultura.

O segundo momento se dá por meio do diálogo, de intervenções possíveis e de modificação do conteúdo programático do currículo, com ênfase nos preceitos da Educação Ambiental. Os registros desse processo podem contribuir para rever e implementar as diretrizes curriculares para a EA¹.

No terceiro momento, o uso de técnicas de redução e codificação, se apresenta como elementos estruturantes do Círculo de Cultura, pois a codificação e a descodificação fornecem o(s) tema(s) gerador(es) do Currículo de EA. Desta feita, conforme Marinho (2009), se realiza um movimento reflexivo, que visa um pensamento dialético. Com ele se chega à análise do concreto, do existencial. Os participantes podem expressar a realidade e as necessidades curriculares locais.

Na metodologia do Círculo da Cultura, o coordenador exerce papéis bem definidos, sobretudo o de mediação do círculo, estabelecendo o diálogo, sem monopolizar a fala diante dos participantes, mas com o intuito de criar condições para dinamizar o grupo, reduzindo ao mínimo as suas intervenções diretas. Ao coordenador cabe a função de mediar o diálogo democrático, incentivando a participação (FREIRE, 1987). No que se refere aos participantes, cabe a ele questionar e questionar-se, aprender e ensinar, dialogar e resistir na essência do aprendizado construído coletivamente. Além disso, segundo Marinho (2009), no âmbito dessa ação dialógica, o coordenador deve seguir os seguintes princípios:

- Ser pontual;
- Criar um clima de confiança e simpatia, possibilitando um espaço mais dinâmico e efetivo;
- Posição de humildade e nunca autoritária, pois coordenador aprende com os participantes;
- Devolver ao grupo as perguntas que lhes são feitas possibilitando a reflexão grupal;
- Não omitir opiniões pessoais;
- Estimular a fala de todos, inclusive dos tímidos, para um efetivo crescimento do grupo;
- Seguir os planejamentos do círculo a cada encontro;
- Elaborar um relatório de cada encontro sobre o percurso das atividades incluindo participações falas e dificuldades.

¹ Diretrizes curriculares nacionais para a educação ambiental, disponível em: portal.gov.mec.br

ROTEIRO PARA DESENVOLVER UM CÍRCULO DE CULTURA NA ESCOLA

Sugerimos constituir um grupo participativo de professores na unidade escolar, que estejam dispostos a melhorar a educação e o currículo escolar. O Grupo deve realizar algumas leituras sobre o Círculo de Cultura, conhecer sua procedência, desenvolvimento, ideias e fundamentos que o constituem. Também sugerimos a reflexão sobre os aportes de Paulo Freire (indicamos o livro *Pedagogia do Oprimido*).

Os textos devem ser disponibilizados antes de iniciar as atividades. A partir daí, marcar a primeira reunião do círculo de cultura.

No primeiro encontro, eleger um coordenador de forma democrática entre os participantes e, neste momento, o mesmo e os demais devem compreender a função do coordenador no grupo.

Ao ser eleito o coordenador deve iniciar a sua missão agendando os encontros do círculo de cultura, em parceria com os participantes.

O próximo passo é eleger democraticamente o Tema Gerador, que será a temática das reflexões freireanas durante os encontros do Círculo de Cultura. Sugerimos aqui como tema: A inclusão da Educação Ambiental na escola ou o tema: Meio Ambiente e Cidadania na Escola.

Durante os encontros do Círculo de Cultura o coordenador pode contar ou mostrar ao grupo, por meio de slides, a história e as contribuições de Paulo Freire enriquecendo esses momentos de verdadeira transformação educacional.

No segundo encontro o coordenador, retira em conjunto com os participantes as palavras-chaves do tema gerador. A partir disso, inicia-se as reflexões com o seu grupo, ou seja, inicia-se o círculo de cultura. Desse modo se estabelece um processo de reflexões sempre em círculo, envolvendo todos os participantes.

Deve-se fazer o registro das reuniões, por meio de relatórios, atas e fotografias como forma de evidenciar as atividades, seus resultados e os diálogos realizados.

Ao fazer os relatos e registros, como uma forma de avaliação dos encontros. É possível utilizar cartas e documentos oficiais, com sugestões para apresentar aos interessados, - ONGS, Instituições de Ensino e Secretarias Educacionais - propostas de ações que podem minimizar os problemas deducionais conforme a temática refletida durante os encontros do Círculo de Cultura.

O CÍRCULO DE CULTURA E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A Educação Ambiental (EA) está associada à sensibilização, a conscientização e a mudança de valores e ações das pessoas voltadas o ambiente mais justo para todos (as). Por meio da construção de conhecimentos sobre a questão ambiental busca-se promover ações que sejam necessárias para mudar a situação de degradação socioambiental presente nos lugares e em territórios em todo o planeta. Deste modo, ela é intrínseca à compreensão do conceito de ambiente, como um lugar onde os elementos naturais e sociais estão em uma dinâmica de interação e que refletem os aspectos socioeconômicos, culturais, éticos, históricos presentes na sociedade.

Portanto, a EA é uma ação educativa que demanda a compreensão do ambiente, para além dos seus aspectos físico-biológicos. Loureiro (2002) conceitua a EA como uma prática educativa e social cuja finalidade é a de construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes para com o meio ambiente que visa a à realidade de vida e a atuação de atores sociais, individuais e coletivos.

A EA na concepção desse pesquisador visa transformar uma realidade em que se vê, cada vez mais, a degradação socioambiental. Com esse sentido, transformar têm vários significados, como: transmutar, converter, alterar, mudar de domínio, mudar de forma, transfigurar, ou seja, visa processos de mudança na realização da vida e de mudanças na reconstrução das identidades dos indivíduos.

Para Loureiro (2014, p. 6),

a formação de sujeitos escolares em um perspectiva crítica e transformadora requer investimento na elaboração e na efetivação de abordagens teórico-metodológicas que propiciem a construção de concepções de mundo que se contraponham às concepções de que o sujeito é neutro; de que a educação consiste em acúmulo e transmissão de informações; de que o conhecimento é transmitido do professor ao aluno em um via de mão única; de que a ciência e seu ensino são balizados por critérios positivistas, entre outras concepções fragmentadas de mundo (LOUREIRO, 2014, p. 6).

A EA, com os princípios baseados em Freire, pode ser refletida nos Círculos de Cultura, o método utilizado busca a transformação social e participativa dos sujeitos. Numa escola (seja ela de Tempo Integral ou não), a partir de reflexões pautadas no diálogo, a EA pode ser um instrumento para despertar, por meio de temas propostos pela comunidade escolar, um Currículo que promova o protagonismo juvenil, e, neste sentido busca-se a reidentidade do indivíduo com a natureza.

Os Círculos de Cultura como proposta a ser desenvolvida na escola, apresenta-se como uma propositiva curricular, de interesse coletivo, e pode se tornar um recurso fundamental, para as reflexões sobre o currículo da escola e, com isso, propiciar a inserção da EA no ambiente escolar, dando voz e vez aos seus participantes. Por apresentar um caráter

estritamente democrático e libertador, em que a dialogicidade se faz presente, o Círculo de Cultura permite um ambiente libertário para uma aprendizagem integral (como propõe a EA), que busca romper com fragmentação do conhecimento e das ações da escola, e ser útil para a tomada de decisões dos sujeitos diante de seus contextos e dos desafios enfrentados.

Freire, entende que uma concepção horizontal na relação educador-educando, para a valorização das culturas locais da comunidade escolar, à luz da oralidade, visa a à perspectiva humanista, que se contrapõe ao pensamento elitizado, segregador e dualista, em que insiste em ressurgir no Brasil, manifestando-se, inclusive nas propostas educativas que se distanciam das realidades socioculturais e ambientais. Neste sentido, os princípios metodológicos de Freire, a partir do Círculo de Cultura, favorece o respeito aos educadores e educandos, num processo em linha horizontal, de diálogo e por meio da linguagem, que se busque a extração de palavras geradoras inserir a Educação Ambiental no currículo escolar.

REFERÊNCIAS CITADAS E CONSULTADAS

BRANDÃO, C. O que é Método Paulo Freire. Editora Brasiliense, Volume 38, Coleção Primeiros Passos. 1981.

BRASIL Ministério da Educação – Diretrizes Nacionais Curriculares para a Educação Ambiental. Resolução n.2 de 15 de junho de 2012. p.1.

BRASIL, Constituição Federal de 1988. Artigo 225. Data da legislação 05 de outubro de 1988.

_____. Lei Nº 9795/1999 - Lei de Educação Ambiental - "Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências" - Data da legislação: 27/04/1999 - Publicação DOU, de 28/04/1999.

_____. Orientações Curriculares do Ensino Médio - Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CARVALHO, I. C. M. Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo, Cortez, 2004.

CORAZZA, S. M. Base nacional comum curricular; apontamentos críticos, clínicos e um trampolim. Revista Educação, Porto Alegre, v. 39, n. especial, p. 135-144, dez. 2016.

DELIZOICOV, D. Problemas e Problematizações. Apostila, p. 1-17, 1998.

FREIRE, P. Pedagogia da Indignação. Cartas Pedagógicas e outros escritos. Editora Unesp. P.48, Copyright. São Paulo SP. 2000. p.48

_____. Pedagogia do Oprimido. Editora Paz e Terra. 17ª Edição. Rio de Janeiro. RJ. 1996. p.4-6

_____. Pedagogia da Autonomia. Editora Paz e Terra. 17ª Edição. Rio de Janeiro. RJ. 2002. p.4.

_____. Educação como prática de Liberdade. Editora Paz e Terra. 27ª Edição. Rio de Janeiro, RJ, 2003 b.

_____. Pedagogia da Autonomia. Editora Paz e Terra. 25ª Edição. Rio de Janeiro, RJ, 1996.

_____. **Pedagogia da Esperança.** Editora Paz e Terra. 4ª Edição. Rio de Janeiro, RJ, 1997.

_____. **Política e Educação.** Editora Paz e Terra. 4ª Edição. São Paulo, SP, Coleção Questões da nossa Época. Volume 23, 1997.

LOUREIRO, C. Premissas Teóricas para uma Educação Ambiental Transformadora. **Revista Ambiente e Educação**, Rio Grande, v.8, 2003, p. 40.

_____. Trajetórias e fundamentos da Educação Ambiental. São Paulo, Cortez, 2012a.

_____. Sustentabilidade e educação: um olhar sobre a ecologia política. São Paulo, Cortez, 2012.

LOUREIRO, C. & TORRES, J. **Educação Ambiental. Dialogando com Paulo Freire**. Editora Cortez, - Primeira Edição, São Paulo, SP, 2014, p. 171-172.

MACEDO, E.; LOPES, A. C. **Teorias de currículo**. São Paulo, Cortez, 2011.

MOREIRA, A. **Indagações sobre Currículo, Conhecimento e Cultura**. Ministério da Educação- MEC, Secretaria da Educação Básica, Brasília, DF, 2007, p.19.

MARINHO, A. R. B. **Círculo de cultura: origem histórica e perspectivas epistemológicas**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2009.

SACRISTÁN, J. **O Currículo: Uma Reflexão sobre a Prática**. Editora Artmed, Edição 3, Porto Alegre, RS, 2000, p. 10-17.

WIZIACK S; CORREA D. **Para Além da Interdisciplinaridade. Desafio Posto ao Educador Ambiental**. Artigo do Curso De Pós-Graduação em Educação Ambiental e Espaços Educadores Sustentáveis. UFMS. 2009.